

A diversidade identitária e sexual da pos-modernidade e suas possíveis implicações no tinder

Por Corinne Julie Lopes¹

Fecha de recepción: 18 de diciembre de 2023

Fecha de aceptación: 8 de febrero de 2024

ARK-CAICYT:

Resumo

Neste trabalho se busca fazer um compilado sobre algumas questões que perpassam a diversidade identitária e sexual da pós-modernidade. São apresentados os conceitos de mulheres pós-modernas, mães solo por escolha, mulheres anfíbias, a masculinidade hegemônica, e a ideia dos homens precários, além de se abordar a abstenção masculina diante do compromisso emocional. Ao mesmo tempo, se apresentam alguns possíveis desdobramentos dessas novas configurações identitárias e sexuais no ambiente do Tinder.

palavras chaves: Pós-modernidade - Tinder - Diversidade.

Introdução

No filme *‘Crônicas de um affair’*, de 2022, Charlotte conhece Simon em uma festa e há um flerte, nesse momento. Um beijo irrompe, mas não pára por aí; amparada por toda uma sucessão pós-moderna de conceitos, a personagem segue sua vida, ora se identificando com o vínculo e o

¹ Advogada, Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário UNA e Doutoranda em Psicologia pela UCES. Consultora em projetos sociais, terceiro setor e Direitos Humanos. Mediadora de conflitos. Facilitadora de Comunicação Não-Violenta com treinamentos ministrados em vários estados brasileiros e fora do Brasil. Coautora do livro *Em voz alta: Comunicação Não Violenta e Mindfulness*. Idealizadora dos projetos de Comunicação Não Violenta, Mindfulness e Mediação de Conflitos: @enlacosaospassos e @cad.comunicacaodireito.

apego, por vezes, visto como conservador, por ela mesmo, inclusive, ora se identificando com a fluidez, na maior parte das vezes, vista e aclamada pela pós-modernidade.

Mas o que é essa tal pós-modernidade?

Desenvolvimento

Começar-se-á pela apresentação de alguns conceitos, como o feminismo pós-moderno e o pós-modernismo feminista, que, conforme Sandra y Lucía (2017), apresentam-se, o primeiro, como a busca da desconstrução da autoridade e da imagem do homem soberano, com a celebração da multiplicidade das diferenças e de uma narrativa de identidades, e o segundo conceito, visualizando-se a mulher como o centro da investigação social. Nesse sentido, no pós-modernismo feminista, é enfatizada e reconhecida a multiplicidade das experiências das mulheres, e se incorporam a elas, muitas variáveis, buscando soluções e alternativas para a vida dessas “sujeitas”.

Já nesse momento, pode-se fazer uma correlação desses conceitos com o Tinder, aplicativo de relacionamentos criado em 2012, disponível em 190 países e em mais de 40 línguas diferentes. Seu surgimento se dá em uma sociedade pós-moderna com livre acesso ao aplicativo por homens e mulheres, sem a existência, ainda que em algumas vezes, apenas conceitual, de um marcador de autoridade e soberania por parte do mundo masculino.

Outros marcos dessa concepção pós-modernista são o acesso das mulheres ao mercado laboral (e por quê não, sexual, com a acessibilidade dada pelo Tinder?); a sua participação cada vez maior dentro de cargos de gerência nas organizações; uma maior equidade nos níveis educacionais e uma intervenção mais ativa masculina na criação dos filhos e nas atividades do lar.

Apesar de reais, todas essas conquistas são, ainda, emblemáticas no mundo atual, uma vez que elas ocorrem em um mundo marcado pela polarização econômica, pela tensão política mundial, pela tendência ao individualismo, pela velocidade, e pela fragmentação social impulsionadas por uma dinâmica tecnológica e pela saturação da informação, onde a crítica existe, por vezes, somente pela crítica.

Somada a essas questões, tem-se ainda a facilitação das comunicações, que mantém a níveis mais suportáveis ou até prazerosos, a distância geográfica de quem deseja manter relações de intimidade, como bem nos lembrou a professora Meler, em 2019, em seu texto, “Una mirada psicoanalítica de género sobre las sexualidades contemporáneas”.

É característica do aplicativo Tinder, assim como de outros com essa mesma proposta, fazer uso dessa facilitação das comunicações atrelada à velocidade e à fugacidade do mundo em que se vive, uma vez que se descarta pessoas com um simples apertar do dedo indicador em uma tela de celular em microsegundos. Por outro lado, para não ser descartado, o que se verifica é um sem número de performances de venda de si mesmo, muitas delas fantasiosas, não acompanhadas, em, parte das vezes, por conversas sustentáveis.

Nesse contexto: “o que se pode esperar do pós-modernismo? É possível abrigar a ideia de algum “momento de verdade” na cultura pós-moderna? Ou o que nos resta é um efeito paralisante? A inação resultante da inevitabilidade histórica.” (Nava y Martnénez, 2010, p.228), uma vez que a pós-modernidade se apresenta em uma sociedade latinoamericana ainda longe de completar seu processo de modernização.

Na Argentina contemporânea, já há obrigações legais para que haja representação política feminina e têm sido instituídas medidas de discriminação positiva. Em relação ao voto, o Equador foi o primeiro país a instituir o sufrágio feminino na América Latina, em 1924, e, no ano de 2007, se alcançou a paridade de gênero nas listas eleitorais. Na Colômbia, existe uma lei de cotas também para a participação política das mulheres e, no Brasil, há a existência de legislações protetivas contra o feminicídio, o assédio e a violência no dia a dia e contra a violência política.

Apesar de todos esses avanços, ainda há muito a se fazer sobre vários dos temas pensados aqui, uma vez que não se pleiteia somente avanços legislativos, mas, principalmente, avanços de mentalidade que se traduzam em novas relações sociais entre os gêneros.

Em todo esse caldeirão, a mulher pós-moderna caminha e pretende implantar rupturas centrais e definitivas no modelo falocêntrico, vigente ao longo da história da humanidade. Essa mulher indeterminada ou pós-mulher, como a denominou Lipovetsky, 1999, abre caminho à busca de sua auto-determinação e sua exploração incessante por assumir novos papéis na sociedade, possui a liberdade para exercer o direito ao voto, ao divórcio, à liberdade sexual e ao controle de sua procriação, mas, ainda assim, enfrenta desigualdades em relação aos homens e mantém seu papel familiar, em grande parte das vezes, por isso dar uma dimensão de sentido à sua vida. Esse papel de cuidado da família e de reprodução ainda restringe, de maneira concreta, as oportunidades, para grande parte das mulheres, de acesso a um trabalho remunerado e outras atividades correlatas.

Caminhando um pouco mais com o conceito de pós-modernidade que, como se pôde perceber, rompe com o modelo falocêntrico, mas com ele, ainda dialoga, no campo relacional, é apresentado ao sujeito uma nova possibilidade de configurações pessoais e familiares, o que leva a diferentes posturas e transformações nesses projetos de vida. Como exemplo, pode-se citar a situação das mães solo por escolha e das mulheres anfíbias.

Começando pelas mães solo por escolha, tem-se que, “nesse caso, a maternidade é uma opção preferencial a outras, uma escolha que se inclui entre um elenco de experiências quando e como convém, apesar de que, evidentemente, entrem em jogo, fatores que nem sempre são controláveis, por exemplo, o tempo.” (tradução livre – Moncó, B. Jociles, M.I. e Rivas, A.M., 2011).

O fato de ser uma escolha, inclusive, tem impactado o compromisso na criação das crianças fruto dessas decisões, impactando no desenvolvimento delas de forma positiva, conforme apontam estudos realizados pela pesquisadora Susan Golombok. Desde o nascimento da primeira criança por fertilização *in vitro*, em 1978, muda-se “a antiga associação entre sexualidade e reprodução, reprodução a relações heterossexuais e relações heterossexuais a família”.

O direito de escolha é uma premissa importante nos tempos pós-modernos e, seguindo à regra, também para no uso do aplicativo Tinder, onde, para se avançar na eleição de possíveis pretendentes na tela do aplicativo, é necessário escolher se uma ou outra pessoa te agrada; simples assim; em poucos minutos, muitas escolhas podem e serão feitas. Grande parte delas, liquefeitas.

O perfil dessas mães solo por escolha, segundo a pesquisadora citada acima, é de, geralmente, pessoas altamente educadas, com estabilidade econômica, cuja idade se acerca aos quarenta anos e que tenham pensado, durante muito tempo, nessa modalidade de maternidade. Muitas das vezes não são solteiras por escolha; o que acontece é que não encontraram pares com quem formar uma família e estão chegando ao seu limite de idade fértil. A forma de implementação dessa maternidade se faz por adoção unipessoal, compra de gametas ou a persecução de uma gravidez casual.

Falar-se-á agora sobre as mulheres anfíbias, que são assim denominadas por suas características adaptativas de existência no mundo atual: essas mulheres fazem sexo com homens e mulheres, em sua maioria, desde a adolescência, de forma fluida e aberta (desejo circunstancial em oposição à identificação – liquefação dos emblemas identificatórios). Elas também praticam uma amorosidade que foge do heteronormativo (marcada pela falta de exclusividade, dentre outras características) e, por vezes, de forma emancipadora do patriarcado e da monogamia, segundo Tajer, 2020, e ressignificam as práticas da maternidade e os contextos onde se alojam seus projetos reprodutivos.

O que se percebe no uso do aplicativo Tinder, em conversa com o conceito das mulheres anfíbias, é essa possibilidade de uma maior fluidez e abertura nas relações, impulsionada por uma desnecessidade de não-exclusividade diante de uma “suposta” vasta oferta do aplicativo.

Segundo Tajer, que tem feito pesquisas na clínica, sobre essas mulheres, algo que lhe chamou a atenção, é o fato de que várias anfíbias jovens têm em comum o fato de serem muito brilhantes intelectualmente e, ao mesmo tempo, inibidas no campo sexual, o que, para ela, sinaliza a idealização de uma sexualidade livre e muito ativa funcionando mais como um mandato que como um desejo próprio. Nesse sentido, para Tajer, o mais importante do processo de tratamento dessas anfíbias é fazê-las perceber a grandeza da possibilidade de construção de vivência de sua própria sexualidade aos poucos, como algo a ser descoberto/experimentado (no contexto ainda do patriarcado e de outras questões, principalmente sociais, ainda não superadas sobre a sexualidade) e não como algo dado como verdadeiro.

Outra observação importante da autora, no que se refere a esse público tem a ver com “a percepção de si como sujeitas de todos os direitos e muito poucas obrigações, em termos afetivos intergeracionais, somado a uma forte ideia de hierarquização de relações por afinidade, com uma baixa ideia de solidariedade com quem as cuida em etapas vitais anteriores.” (Tajer, 2020). Ainda que apareça a ideia da importância da família em alguns relatos clínicos da autora, pode-se perceber o sumiço da crença na reciprocidade dessa relação (a percepção que se tem é de que essas relações não precisam ser cultivadas).

A usabilidade do aplicativo Tinder é marcada, em consonância com o que foi visto acima; por uma ausência de responsabilidade afetiva, uma vez que não se exigem atitudes de cuidado com as pessoas, mas se oferece uma série de regalias a depender do quanto se pague por esse serviço. Isso não é regra geral: um dos aplicativos de relacionamento amoroso, atuando na contra-corrente dessa

“fartura sem responsabilidades”, só permite a conexão entre duas pessoas se, no prazo de 24h, alguma comunicação é estabelecida, ou seja, há a exigência de uma obrigação, ainda que comunicacional, para que os relacionamentos se iniciam no aplicativo.

Logo, na discussão pós-moderna, muitos dos problemas relacionais passam a ser de comunicação e de sociabilização, ou seja, ainda é preciso avaliar essas modalidades experimentais passado algum tempo, pois delas se desdobram muitas outras questões. Haverá sustentação ou tudo isso será descartado? pergunta a professora Meler (2019).

Avançando um pouco mais com as reflexões, na sequência, será apresentado o conceito de masculinidade hegemônica, que, segundo Connell y Messerschmidt (2005), é um “padrão de práticas sociais que permitem a continuidade do domínio masculino sobre as mulheres”. Em seu estilo pós-moderno, pode implicar, também, “em uma maior integração entre razão e emoção, maior flexibilidade emocional e vincular, e relações familiares menos autoritárias ainda que se mantenha o domínio masculino.” (Meler, 2017, p.4), apesar de ainda pouco se falar sobre o tema.

No que se refere às masculinidades hegemônicas, referenciando Joseph Vincent Marqués (1987), tem-se que as suas principais características são: a ostentação; a hipersexualidade orientada a metas narcisistas; a obsessão pelo coito; a pretensão de saber tudo sobre a sexualidade, para iniciar as mulheres; o desejo polígamo, nômade e colecionador (tradução livre), dentre outras características.

No aplicativo Tinder, preserva-se esse espaço de colecionismo, pois, inclusive, é um propósito de venda do aplicativo, ter acesso a todas as mulheres que curtiram o seu perfil, o que favorece a ostentação. Além disso, a hiperssexualidade é difundida e praticada sem muitos filtros, uma vez que, na postagem de fotos do perfil dos usuários, tudo é permitido, e ainda pouco se fala em regras ou possíveis punições, garantindo-se um anonimato real de grande parte dos perfis (com exceção daqueles autenticados).

Ainda nesse contexto, um marco contemporâneo das masculinidades hegemônicas é a perda de recurso, poder e prestígio por parte dos homens, uma vez que esses eles passam a ser distribuídos, também, entre as mulheres na pós-modernidade. Essas são questões que atravessam a existência de uma masculinidade que caminha pela precariedade e informalidade laboral, ameaçada, não somente pelas características supramencionadas, mas também, e principalmente, por uma cada vez mais intensa globalização, e conseqüente internacionalização dos capitais e e acumulação capitalista. Tudo isso gera implicações nas relações sexuais, amorosas e nos laços familiares dos indivíduos que estão se relacionando no Tinder.

É interessante observar que algumas mulheres apresentam características que as assemelham a essa condição masculina, marcada também pela ambição e capacidade de liderança (apesar de elas ainda serem vistas como atípicas, quando apresentam essas características). Antes, essas mulheres eram vistas de forma patológica; agora, por sua vez, estão sendo vistas com um estilo de personalidade adaptado à sociedade contemporânea.

Os efeitos, por sua vez, são diferentes: há uma maior dificuldade em se encontrar parceiros, por parte dessas mulheres. Aqui se percebe o quanto é fantasioso e ainda pouco praticada, a bandeira da equanimidade; uma vez que muitas mulheres continuam sofrendo preconceito quando possuem características “consideradas” masculinas.

Por fim, mas não menos importante, abordar-se-á um fenômeno contemporâneo, que é a abstenção masculina diante do compromisso emocional. Segundo Meler (2021), tem-se que:

Los varones de sectores medios acomodados, quienes según ha planteado Eva Illouz (2012) controlan el mercado sexual y el mercado matrimonial, están usufructuando la ilimitada oferta de contactos proveniente de las páginas web, una modalidad postmoderna de relacionamiento erótico que condice adecuadamente con la tradición masculina ancestral de acumulación de conquistas eróticas. Esta estrategia cuantitativa ya no se acota a una doble elección de objeto amoroso, sino que la duplicidad estalla en estos casos en una miríada de contactos fugaces, cuya potencialidad placentera es casi inexistente para las mujeres, quienes suelen requerir algún grado de familiaridad para sentirse cómodas en la intimidad, e incluso, resultan dudosamente gozosos para los mismos varones, cuyo pasaje por esos vínculos instantáneos tiene por objeto acumular status, o sea compensar su balance narcisista.

Para Irene Meler, esse fenômeno nada mais é que uma modalidade pós-moderna da dominação masculina, que, pode, inclusive, ser classificada como violência, se assim considerarmos o “abandono”. Daí, surgem termos como ghosting e outros tanto relacionados a esse “abandono”. Os

contatos incentivados pelo aplicativo Tinder possuem a tônica da acumulação e incentiva a potencialidade do prazer masculino que, é, predominantemente, como escrito acima, colecionista. A questão que se coloca é como distribuir, de forma mais equânime e responsável, a qualidade das relações frente à quantidade das mesmas, nesse cenário.

Conclusao

Novas configurações identitárias com novas implicações sociais e relacionais surgem no mundo atual. Cada vez mais se faz importante olhá-las, mas em perspectiva, levando em conta que há estruturas milenares que conduziram o ser humano, com as suas diferenças e similitudes, e que elas também são importantes nesse processo, com os quais muitas pessoas se identificam. Trazer o desejo em cena é também entender que ele não está sozinho, mas contextualizado em uma cultura que é diversa, plural e precisa ser respeitosa, para qualquer dos lados que se pretenda a travessia. O fato de se questionar algo, nem sempre, conduz ou precisa levar à extinção dessa condição. Por vezes, o reconhecimento e a legitimidade podem se traduzir na convivência dos diferentes; o que se precisa alcançar, tão somente, em muitas das vezes, é o respeito das opções postas, desde que elas, sejam pactuadas entre os pares, trios ou mais elos relacionais porque isso também é respeitoso.

Referencias

Connell, R.W. (2005). Masculinities. Polity Press. 2ed. 362p.

Guillén, N. (2003) Feminismo y postmodernidad: entre el ser para sí o el ser para los otros. Rev. Ciencias Sociales. 101-102: 43-55, 2003 (III-IV). Acceso em 09 de fevereiro de 2023, disponível em: https://revistacienciasociales.ucr.ac.cr/images/revistas/RCS101_102/03PIEDRA_.pdf

Marqués, J. V. (1987). ¿Qué hace el poder en tu cama? Icaria

Matos, V. L.D. (2005) A mulher na pós-modernidade: uma breve reflexão sobre identidade, papéis sociais e emoções. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. Acesso em 09 de fevereiro de 2023, disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3057/2/20060072.pdf>

Meler, I. (2019) Una mirada psicoanalítica de género sobre las sexualidades contemporáneas. Ponencia expuesta en el Panel “Sexualidades en la clínica psicoanalítica hoy”, publicada en la Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina N° 1, Buenos Aires, 2019.

Meler, I. (2021). Varones en el siglo XXI. Entre la insistencia de lo tradicional, nuevas estrategias de dominación, y ensayos de paridade. Aperturas Psicoanalíticas, (66) (2021), e6, 1-2.

Moncó, B. Jociles, M. I., & Rivas, A. M. (2011). Madres solteras por elección: representaciones sociales y modelos de legitimación. Nueva antropología, 24(74), 73-92. Acceso em 10 de fevereiro de 2023, disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-06362011000100004&lng=es&tlng=es

Nava, A.R. & Martínez, F.V. (2010) Posmodernismo, racionalidad económica y racionalidad ética. Revista Nueva Época. año 23. núm. 64. septiembre-diciembre. Acceso em 09 de fevereiro de 2023, disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/argu/v23n64/v23n64a10.pdf>

Neri, R.A.O (2020). La comunicación en la posmodernidad: influencia en el sujeto, campo y médío. Iberoamérica Social (XIV), pp. 157-172. Acceso em 27 de fevereiro de 2023, disponível em: <https://iberoamericasocial.com/la-comunicacion-en-la-posmodernidad-influencia-en-el-sujeto-campo-y-medio/>

Sandra, G.T. & Lucía, M.F. (2017) Posmodernismo: rol de la mujer en América latina. Revista Digital Tambara Ciencias Administrativas e Empresariais. ed.3. artículo 4. Acceso em 09 de fevereiro de 2023, disponível em: <https://tambara.org/ano-2017-edicion-tres/>

Tajer, D. (2020). Las anfibas: amor y sexo en mujeres contemporáneas y sus desafíos clínicos. Ponencia en un panel del Foro de Psicoanálisis y Genero APBA en Agosto 2020. Acceso em 22 de fevereiro de 2023, disponível em:

<https://www.elsigma.com/genero-y-psicoanalisis/las-anfibias-amor-y-sexo-en-mujeres-contemporaneas-y-sus-desafios-clinicos/13941#:~:text=Estas%20anfibias%2C%20que%20nadan%20en,les%20restituyan%20el%20propio%20narcisismo.>